

OS CLÍTICOS FONOLÓGICOS NAS CANTIGAS RELIGIOSAS GALEGO-PORTUGUESAS

Tauanne Tainá AMARAL*

ABSTRACT: This article intends to show a study of Sandhi's phenomena in Archaic Portuguese (13th century), in order to obtain clues about clitics' prosodic *status*. Analyzing the texts of the reminiscent religious medieval cantigas (420 *Cantigas de Santa Maria*, compiled by Alfonso X, the Wise) it intends to determine the cliticization direction, in order to find clues to the formation of superior prosodic constituents, based on the consideration of the syntactic structure of the sentence and the direction of the syntactic cliticization.

KEY-WORDS: Sandhi; Clitic Group; Galician Portuguese religious cantigas.

1. O que são clíticos?

Primeiramente, é importante a apresentar uma breve revisão de literatura sobre a definição de clíticos. Dentre os estudiosos analisados podemos citar a linguista Basílio (2006, p.16), que descreve os clíticos do ponto de vista morfológico:

Dá-se o nome de clíticos a unidades que se agregam a uma palavra fonologicamente, sem fazer parte dela do ponto de vista morfológico. Em português, temos nessa situação os artigos, assim como vários pronomes pessoais: -o, -a, -me, -te, -se, etc. Esses pronomes são chamados clíticos porque não apresentam acentuação própria; são átonos, integrando-se à pronúncia do verbo, apesar de não fazerem parte dele do ponto de vista morfológico.

Além de Basílio (2006, p.16), Xavier e Mateus (1990, p.78), assim como Dubois (1978, p. 112 a 113), também apresentaram uma visão morfofonológica a respeito da natureza dos clíticos. Dubois (1978) considera os clíticos como elementos que se agregam fonologicamente a outras palavras sem fazer parte delas morfológicamente; Xavier e Mateus (1990), em uma leitura de Dubois (1978), acrescentam informações relativas à classificação quanto à sua posição, que pode ser enclítica, proclítica ou mesoclítica.

Xavier e Mateus (1990, p. 78) correlacionam a existência do fenômeno de cliticização a um tipo específico de ritmo lingüístico (acentual). Desta forma, a partir da opinião dessas autoras, pode-se dizer que o estudo do fenômeno da cliticização no PA pode trazer importantes subsídios para a sua classificação tipológica quanto ao ritmo, o que pode trazer um grau de relevância maior ao estudo realizado.

Dentre os gramáticos revisados, Bechara (2005) foi o que apresentou um ponto de vista relevante à pesquisa em questão. Analisando seus exemplos (BECHARA 2005, p. 89 e 90), verificou-se que há uma maior quantidade de classes gramaticais que ele classifica como clíticos (além dos pronomes átonos, ele também considera os artigos definidos e indefinidos; numerais; pronomes demonstrativos, possessivos, indefinidos, interrogativos, relativos e pessoais antepostos; verbos auxiliares; certos advérbios; preposições e conjunções). Ao

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, campus de Araraquara e licenciada em Letras pela mesma faculdade (2009).

relacionar os clíticos à tonicidade, ele considera que cada uma das palavras, dentro de sua classificação, pode ser átona ou tônica, “conforme sua posição no grupo de força que pertence” (BECHARA, 2005, p.89). Tal fato chama a atenção, pois, como ele mesmo exemplifica, em construções como *o arco desaparece*, temos o substantivoônico, mas o mesmo utilizado em outro contexto como *arco-íris* recebe a denominação de átono proclítico. Assim, ele considera diferentemente de outros estudiosos, que não somente os pronomes podem ser átonos, mas sim outras classes gramaticais, uma vez que “este conjunto de fatos são devidos a fenômenos de *fonética sintática*” (BECHARA, 2005, p.90). Assim, como será exposto a seguir, a possível tonicidade dos clíticos pode ser comprovada no nível lexical, veremos que esta possibilidade existe quando nos referimos à métrica e à música.

2. Breve revisão sobre a definição do grupo clítico

É importante, antes de apontar os argumentos a favor da consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, fazer uma breve revisão a respeito destes, tomando como referência, principalmente, Nespor e Vogel (1986), e mostrar que, a partir daí, para o PB, Bisol (1996) discutiu a questão dos clíticos, chegando à conclusão de que se adjungem ao grupo clítico.

O grupo clítico (C), pelo sistema de hierarquia, trata-se da unidade prosódica que segue imediatamente a palavra fonológica. Bisol (1996, p. 251) afirma que o grupo clítico não existe na proposta de Selkirk (1984), já que é comum considerar o clítico como um componente da palavra fonológica. Seguindo a proposta de Nespor e Vogel (1986), Bisol (1996, p. 252) define o grupo clítico como “a unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo”. Ainda a respeito deste constituinte Bisol (1996, p. 251) afirma que existem dois tipos de clíticos, “os que se comportam junto à palavra de conteúdo como uma só unidade fonológica e os que revelam certa independência, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica”.

The most common approach in phonology is to consider clitics either as belonging to the phonological word, in which case they are considered similar to affixes, or as belonging to the phonological phrase, in which case they are considered similar to independent words. (Nespor; Vogel, 1986, p. 145)

Bisol (1996, p. 252) afirma que “os clíticos do português mostram propriedades de dependência em relação à palavra seguinte ao mesmo tempo que revelam certa independência”. Já a frase fonológica (ϕ) é definida por Bisol (1996, p. 254) como:

[...] constituinte que congrega um ou mais grupos clíticos, ou seja, o grupo clítico propriamente dito e a palavra fonológica, ambos C neste nível. Em outros termos, a frase fonológica é constituída das unidades imediatamente mais baixas: o grupo clítico, que tanto pode ser uma locução (a casa) quanto apenas uma palavra fonológica (casa).

Para avaliar a questão de considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico, com relação ao PA, serão investigados três fatores que podem trazer evidências. Primeiramente, serão realizadas a contagem das sílabas poéticas e a distribuição dos acentos poéticos (porque os acentos poéticos costumam recair sobre acentos lingüísticos); além da verificação da coincidência ou não entre acentos musicais e lingüísticos. Esses dois fatores serão considerados porque podem trazer evidências do caráterônico ou átono dos clíticos nas dimensões poética e musical. Como, nesses níveis, as proeminências costumam coincidir com

proeminências lingüísticas (ou seja, com acentos lexicais ou secundários), o fato de os clíticos poderem assumir proeminências poéticas ou musicais pode apontar para seu caráter tônico, em termos lingüísticos; por outro lado, a atonicidade nesses níveis sugere uma atonicidade lingüística. O terceiro fator será a investigação dos processos de sândi; vale apontar a grande relevância dos processos de sândi para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, pois, segundo Nespor & Vogel (1986), um elemento é considerado um clítico se, junto com outra palavra, estiver sujeito ao processo de sândi.

3. A estrutura poética, a métrica e o processo de sândi como argumentos para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico.

Primeiramente será abordado o argumento referente à estrutura poética dos versos analisados. A partir dessas análises foi possível mapear alguns casos em que os clíticos assumiram proeminência poética e outros casos (mais comuns) em que não assumiram. A possibilidade de não assumirem proeminência poética corresponde à situação que seria mais esperada, uma vez que, mesmo que os clíticos sejam adjungidos prosodicamente ao grupo clítico, normalmente, nesse nível, são fracos, em comparação com a palavra fonológica a que se subordinam, que é forte, porque é o núcleo. O importante é que puderam ser mapeados, mesmo que poucos, alguns casos em que o clítico assume proeminência poética. Esses casos podem constituir evidência a favor da consideração da adjunção prosódica do clítico apenas no grupo clítico, pois o fato de poderem assumir proeminência poética, mesmo que esporadicamente, mostra que têm algum tipo de proeminência em níveis prosódicos inferiores (ou seja, no nível da palavra fonológica).

Em (1) talvez tenhamos um exemplo que comprove a possibilidade de alguns clíticos estarem em proeminência poética. Segundo Mettmann (1986), no caso em questão, temos um verso grave de oito sílabas poéticas, para que se obtenha tal contagem métrica, possivelmente este autor não considerou a junção do pronome oblíquo *o* ao verbo *acharás*, uma vez que, ao contrário do que ocorre na poesia atual, a elisão era marcada na escrita trovadoresca através da omissão da vogal que deveria ser apagada. O que em regras gerais seria categórico atualmente, já que na contagem métrica quando nos deparamos com um encontro vocálico a regra nos dita que façamos sua união, contanto apenas uma sílaba, não acontece com a lírica trovadoresca.

[...] se uma palavra termina em vogal, dentro do verso, e a palavra seguinte começa por uma vogal, o poeta poderá juntar essas duas sílabas (a sílaba final de uma palavra e a primeira sílaba da palavra seguinte) em uma sílaba poética apenas, caso elas sejam pronunciadas em um só tempo. (Costa, 2006, p. 6).

(1) Te¹/do²/u³/que⁴/*o*⁵/a⁶/cha⁷/rás⁸
(...)
co¹/mo²/*vos*³/ja⁴/re⁵/tra⁶/ý⁷ (CSM 72, 47)¹

Na mesma cantiga observamos uma possível proeminência poética para o pronome oblíquo dativo *vos*, desta forma os dois pronomes aparecem em uma posição na qual se espera que ocorra uma sílaba forte. Este fato pode ser uma evidência de que poderia ter algum nível de proeminência em constituintes inferiores ao grupo clítico, para que possa ser elegível para o recebimento da proeminência poética.

¹ A partir do exemplo (1), o primeiro número entre parêntese refere-se à cantiga e o segundo, ao verso.

Em (2), estão transcritos alguns versos da cantiga 76 em que podemos observar a possibilidade de proeminência poética das sílabas 2, 3 e 4, respectivamente. De acordo com Mettmann (1986), trata-se de versos de treze e onze sílabas poéticas, para que se obtenha tal contagem, novamente, o autor não considerou a junção dos pronomes clíticos *o* (nos três versos) aos seus subordinantes, o que, como vimos anteriormente, seria categórico.

- (2) que¹/o²/fez³/nas⁴/mã⁵/os⁶/do⁷/ju⁸/yz⁹/vĩ¹⁰/ir¹¹. (verso 14)
 (...)

man¹/dó²/-o³/tan⁴/tos⁵/te⁶/en⁷/hũ⁸/a⁹/for¹⁰/ca¹¹/põ¹²/er¹³; (verso 17)
 (...)

re¹/sur²/gio³/-o⁴/de⁵/la⁶/,que⁷/vẽ⁸/o⁹/sen¹⁰/al¹¹ (verso 33)

Já nos versos abaixo podemos observar um ritmo poético claramente alternante entre sílabas fortes e fracas; analisando-os desta forma, os clíticos *a* e *lles* aparecem em posições nas quais se espera que sílabas fortes ocorram. Este fato pode ser uma evidência de que poderiam ter algum nível de proeminência em constituintes inferiores ao grupo clítico, para que possam ser elegíveis para o recebimento da proeminência poética.

- (3) lo¹/g²/o³/de⁴/mo⁵/a⁶/pren⁷/di⁸/a⁹
 e¹/con²/muy³/gran⁴/d' a⁵/le⁶/gri⁷/a⁸
 (...)

Gran¹/ref²/fer³/ta⁴/y⁵/cre⁶/ci⁷/a,
 ca¹/o²/de³/mo⁴/lles⁵/di⁶/zi⁷/a: (11; 37, 38, 41,42,43)

Os resultados obtidos através das investigações realizadas acerca da possibilidade de os clíticos do PA assumirem proeminência poética apontam para a consideração da tonicidade do clítico no nível lexical, no momento histórico investigado. Desta forma, o clítico só poderia ser adjungido a um constituinte prosódico que preservasse a tonicidade da palavra, no nível lexical – o grupo clítico, portanto.

Com relação aos indícios a partir da música, foram revisados os trabalhos de Massini-Cagliari (2008a, 2008b) e Costa (2008). Estes dois autores desenvolveram estudos relevantes com base na abstração da estrutura prosódica de um período passado da língua a partir da análise dos ritmos poético e musical das CSM. Massini-Cagliari (1995, 1999) foi a primeira a elaborar um estudo do acento lexical do PA, ao propor uma metodologia que enfoca os itens lexicais em posição de rima, proeminência principal do verso, para estabelecer os padrões acentuais do PA – período da língua para o qual não sobreviveram registros orais (MASSINI-CAGLIARI, 2008a, p.11).

A metodologia de trabalho desenvolvido por estes dois autores aponta para a possibilidade de se realizar uma análise linguística do acento e do ritmo (linguísticos) do PA a partir de um paralelo com o texto poético e a notação musical:

A idéia que subjaz a esta metodologia é a de as proeminências musicais devem se combinar preferencialmente com proeminências nos níveis poético e linguístico. Desta forma, a divisão dos compassos musicais das cantigas e a localização dos tempos fortes das batidas musicais podem auxiliar, por exemplo, na determinação de proeminência principal de palavras que não tenham ocorrido em posição de rima no *corpus* (a sílaba que ocorre em posição de proeminência musical tem muito mais chance de ser tônica do que a que não ocorre); ou na

determinação do *status* prosódico (átono ou tônico) de clíticos (que geralmente não ocorrem em posição tônica final de verso). (MASSINI-CAGLIARI, 2008b, p.14)

Através da análise de várias cantigas os autores puderam demonstrar a possibilidade de os clíticos apresentarem proeminência musical, fato que pode sugerir a possibilidade de considerar o grupo clítico como um constituinte prosódico, já que “a observação de fatos desta natureza mostra que a notação musical pode também servir para dirimir dúvidas quanto à delimitação de constituintes prosódicos em posição final e interna de verso” (MASSINI-CAGLIARI, 2008a, p.21).

Costa (2008) aponta para um dado importante a respeito dos monossílabos, muito relevante para esta investigação, já que os pronomes clíticos são monossílabos. Tal apontamento feito pelo autor assegura a possibilidade de tal tipo de palavras receberem proeminência poética, mesmo que gramaticalmente não recebam acento.

Em relação aos monossílabos, levando-se em consideração a questão da tonicidade, pode-se dizer que eles podem ser acentuados ou não, dependendo da relação que estabelecem com as demais sílabas das outras palavras. Sendo assim, se eles estiverem localizados em um lugar de proeminência musical, também serão proeminentes em relação às outras sílabas que os rodeiam no nível lingüístico, já que uma maior intensidade na nota musical provavelmente exigirá uma maior intensidade na pronúncia da sílaba. (Costa, 2008, p.4).

Em uma de suas análises, Massini-Cagliari (2008c, p.4) mostra que monossílabos considerados átonos receberam proeminência poética e musical, entre tais monossílabos a autora encontrou pronomes clíticos. “Esta é uma pista de que, naquela época, os clíticos talvez pudessem assumir proeminência, mesmo a principal, em certos versos – o que os torna de geralmente subordinados, mas não completamente átonos, a prosodicamente independentes, portanto, não tão ‘clíticos’” (MASSINI-CAGLIARI, 2008c, p. 4).

A respeito dos resultados obtidos, Massini-Cagliari (2008a, p. 22) afirma que a extração de elementos da notação musical pode se constituir em argumentos para a realização das cantigas quanto à delimitação de constituintes prosódicos mais altos.

Os exemplos focalizados mostram que é possível extrair elementos da notação musical que podem se constituir em argumentos para a realização fonética das cantigas, quanto à sua estrutura silábica e ao seu ritmo lingüístico (no que diz respeito à ocorrência de acentos secundários, à identificação do padrão prosódico de palavras específicas e à delimitação de constituintes prosódicos mais altos) (MASSINI-CAGLIARI, 2008a, p.22).

Neste sentido, como os clíticos do PA podem assumir proeminência em nível musical, e como, nesse nível, na maior parte das vezes as proeminências musicais se combinam com proeminências lingüísticas, pode-se dizer que esse fato se constitui em uma evidência de que os clíticos, naquela época, tinham algum tipo de proeminência, no nível lexical. Assim sendo, só poderiam ser adjungidos prosodicamente no nível do grupo clítico, em termos de constituição prosódica.

Finalmente, será exposto o terceiro argumento a favor da consideração do grupo clítico como constituinte prosódico: o processo de sândi. Primeiramente, em relação a tal fenômeno, será exposto o processo de elisão, já que foi o processo que se mostrou mais produtivo em relação aos pronomes oblíquos. Massini-Cagliari (2005, p. 224) também

pôde comprovar a maior produtividade da elisão em seu trabalho de livre docência, afirmando que a “elisão é, pois, de modo geral, o processo de sândi mais recorrente nas cantigas medievais galego-portuguesas”.

Observada durante as análises a maior tendência de os monossílabos átonos se elidirem, serão expostos alguns dos casos de elisão encontrados nas CSM. Primeiramente serão abordados os clíticos *me*, *lhe*, *te*, *se*, *che* e *xe*, cujas vogais normalmente se elidem antes de outro fonema vocálico. Sobre estes pronomes clíticos, Massini-Cagliari (2005, p. 244) também observou que podem ser elididos com a vogal inicial da palavra seguinte, concluindo que:

são monossílabos essencialmente átonos, na medida em que não seria possível a aplicação da elisão, caso fossem acentuados, por causa da restrição rítmica que bloqueia a ocorrência desse processo quando a primeira palavra acaba em vogal tônica. Assim sendo, devem ser considerados *clíticos*, que se adjungem à palavra imediatamente posterior.

No versos abaixo, retirados do *corpus* analisado, podemos observar o que foi comprovado por Cunha (1961) e por Massini-Cagliari (2005). Temos a elisão da vogal átona do pronome oblíquo dativo *lhe* diante da vogal tônica inicial da palavra que o sucede.

- (4) Enton a Virgen santa | ali **II'** apareçia, (71;27)
- (5) partid', e **II'** o cor verás (72; 49)
- (6) que aa omagen foi e **II'** o Fillo tolleu (76;27)
- (7) se **II'** ela fezera, mais a seu proveito (77;18)
- (8) trões que **II'** ouve merçee a Sennor conprida (77;26)
- (9) mas tornou-**II'** o corpo todo escorreyto. (77;33)
- (10) aquel seu caleiro o que **II'** ele dissera, (78; 42)

Nos exemplos transcritos abaixo, podemos observar outro tipo de pronome clítico sujeito à elisão; trata-se do pronome reflexivo *se*. A seguir, serão listados versos em que tal pronome se elidiu diante da vogal inicial tônica da palavra posterior a ele.

- (11) Pois est' ouve dit', o demo **ss'** assannou (74; 20)
- (12) fogir da ygreja u **ss'** ya perder. (74;48)
- (13) mais por ren que lle dissese, | partir non **s'**ende queria; (75;49)
- (14) o sen, e con coita fillou-s' a carpir. (76;19)
- (15) Tan toste correndo foi-s' aquel fals' arteiro, (78;65)

A seguir serão apresentados outros versos nos quais ocorre a elisão dos outros pronomes oblíquos (*me*, *te*, *che*, *xe*). Com estes dados, podemos sugerir a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico, uma vez que os clíticos fonológicos estão sujeitos ao processo rítmico de sândi, da mesma forma que as vogais átonas finais de palavras fonológicas.

- (16) poren m' enviou que entr[e] ontr' os teus, (76;38)
- (17) u **x'** ant' estav', e atou-a | mui de rrig' e diss' assi: (8; 34)
- (18) de quant' ante dizias, | e mais t' end' amaremos.» (71;58)
- (19) «Esto que ch' eu faço é con gran razon, (74;16)

Outros casos foram verificados, nestes a elisão ocorre entre dois pronomes oblíquos, sendo que ocorre a perda da vogal final do primeiro pronome com a junção gráfica ao pronome que o sucede. Em todos os casos analisados, o primeiro pronome é sempre oblíquo dativo, enquanto o segundo é acusativo.

(20) e un mui gran forno encender llo mandava (78;32)

→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *o*

(21) lle vëo çercar, cuidando-lla toller. (63;29)

→ pronome oblíquo dativo *lle* + pronome oblíquo acusativo *a*

(22) de **cho** pagar bem a um dia (25; 30)

→ pronome oblíquo dativo *che* + pronome oblíquo acusativo *o*

Outros casos de sândi foram observados, como a ditongação e o hiato (que não é um processo de sândi propriamente dito; ele é mais a contraparte do sândi, ou seja, o caso em que o sândi não acontece), revelados quando se faz a contagem das sílabas métricas poéticas.

Os pronomes oblíquos constituídos apenas de uma única vogal não sofreram em nenhum momento a elisão. Massini-Cagliari (2005, p. 247) justifica este fato, pois se trata de monossílabos de uma única sílaba, os quais não podem ser elididos, já que nesses casos a elisão não pode ser aplicada “por questões de preservação de estrutura, uma vez que, caindo a vogal, nada sobraria da sílaba original – o que acarretaria problemas de ordem semântica, com conseqüências para a interpretação do enunciado”.

Massini-Cagliari (2005, p. 247) também afirma que nestes casos há uma tendência a estes pronomes de uma única sílaba formarem hiato com a vogal inicial da palavra seguinte. Em (23), para que a contagem métrica feita por Mettman (1986) seja válida, deve ocorrer um hiato entre o pronome oblíquo dativo *o* e a forma verbal *oyrdes*, para que se obtenha um verso de 14 sílabas métricas

(23) por¹/que²/sei³/,se⁴/**o**⁵/oyr⁶/dês⁷/, | que⁸/vos⁹/valr¹⁰/rá¹¹/un¹²/ser¹³/mon¹⁴. (84;9)

Já a ditongação só ocorre entre os pronomes *mi* e *ti* seguidos de vogal grafada <a> ou <o>; segundo Massini-Cagliari (2005, p.251) é “o único contexto favorável para a ditongação”. Em (24) e (25) temos dois versos distintos extraídos da cantiga 15. Segundo Mettmann (1986, p. 93), são versos de 9 sílabas métricas, tal metrificação só é possível se considerarmos a ditongação do pronome oblíquo dativo *mi* como as forma verbal *ás*, em ambos os versos.

(24) mi ás¹/ que²/ co³/mês⁴/se⁵/ fe⁶/zis⁷/te⁸/ mal⁹ (verso 62)

(25) e es¹/t' or²/gul³/ho⁴/ que⁵/ mi ás⁶/ mos⁷/tra⁸/do⁹ (verso 63)

Há outros casos em que os pronomes oblíquos dativos *mi* e *ti* estão grafados juntamente com pronomes acusativos. Este fato aponta para a ditongação, pois levamos em consideração a contagem das sílabas métricas (METTMANN, 1986) e comprovamos tal processo.

(26) Deus **tio** demande, que pod' e val (15; 64)

(27) en dar-m' este fill' e logo **mio** toller (21; 37)

Diante dos dados obtidos, o resultado aponta para a consideração do grupo clítico como constituinte prosódico, já que, assim como Bisol (1996, p. 248) observou para o PB, também foi possível notar que, no PA, os clíticos presentes nas CSM se mostraram independentes, submetendo-se às mesmas regras da palavra fonológica (aos processos de sândi por exemplo). Em seus estudos, Bisol (1996, p. 248) afirma que “os clíticos do português mostram propriedades de dependência em relação à palavra adjacente ao mesmo tempo que revelam certa independência”. Nos exemplos transcritos abaixo, utilizados por Bisol (1996, p. 248), ficam mais claras as considerações da autora, desta maneira podemos perceber que os clíticos se comportam com certa independência em relação às palavras às quais estão subordinadas.

(28)

a) Um só vocábulo fonológico

te considero [te kõnsidEru]ω

me leve [me lEvi]ω

o leque [o lEki]ω

leve-me [lEvemi]ω

b) Um grupo clítico

[[ti]ω [kõnsidEru]ω]C

[[mi]ω [lEvi]ω]C

[[u]ω [lEki]ω]C

[[lEvi]ω [mi]ω]C

Através de (b), Bisol (1996, p. 248) comprova que os clíticos podem se comportar com certa independência em relação ao vocábulo adjacente, “sofrendo a regra de neutralização tal qual a palavra de acento próprio”. Este fato levou a autora citada acima a interpretar os clíticos, com a palavra adjacente com que se relaciona, como uma locução, ou seja, um grupo clítico (BISOL, 1996, p. 248). Deste modo, define-se grupo clítico “como uma unidade prosódica que contém um ou mais clíticos e uma só palavra de conteúdo” (BISOL, 1996, p. 248).

Diante de tais considerações, os dados obtidos apontam para a grande possibilidade de se considerar os clíticos como constiuinte prosódico, pois o processo de sândi, que também aponta para a independência fonológica dos clíticos, uma vez que é no nível hierárquico do grupo clítico “que as regras de sândi externo começam a manifestar-se” (BISOL, 1996, p. 249).

Quando o sândi ocorre entre dois elementos de um grupo clítico, a reestruturação silábica os converte em uma só palavra fonológica. É neste caso que o clítico perde totalmente sua independência para tornar-se, com a palavra de conteúdo adjacente, uma unidade só. Na escala prosódica, o grupo clítico é, pois, o domínio mais baixo de aplicação do sândi externo. Somente por ação desse, o clítico incorpora-se totalmente à palavra de conteúdo adjacente. (BISOL, 1996, p. 250)

Em todos os exemplos citados, foi possível observar que os casos de elisão, ditongação e hiato apontam, como foi visto em Bisol (1996), para a consideração dos clíticos como palavra fonológica independente, uma vez que estes processos ocorrem somente entre palavras. Considerando o clítico como palavra fonológica, comprovamos a sua independência, e conseqüentemente, apontamos para a possibilidade de se considerar o grupo clítico como constituinte prosódico relevante no PA.

Conclusão

Com relação à possibilidade de os clíticos em PA assumirem proeminência no nível poético, verificou-se que, embora não em todos os casos, existe a possibilidade de os clíticos suportarem os acentos da poesia. Ora, como os acentos poéticos sempre recaem sobre sílabas acentuadas (geralmente no nível lexical, mas, às vezes, também sobre acentos secundários), essa possibilidade, mesmo que esporádica, sugere que os clíticos tinham tonicidade de algum tipo (provavelmente no nível da palavra), no momento histórico considerado.

A revisão dos estudos realizados por Massini-Cagliari (2008a, 2008b, 2008c) e Costa (2008) também trouxe subsídios para a investigação realizada já que ambos afirmam a possibilidade de os clíticos não serem tão “clíticos”, uma vez que, podem receber o acento musical, não estando, desta forma, tão subordinados a outras classes de palavras.

Já os estudos realizados apontam para a atonicidade fonológica dos clíticos, o que faz com que eles estejam sujeitos aos processos de sândi, característica que vem comprovar, novamente, a possibilidade de se considerar o grupo clítico um constiuente prosódico, já que, assim como afirmam Nespor e Vogel (1986, p. 147) um elemento é clítico se, junto com outra palavra, está sujeito às regras de sândi.

an element is a clitic if, together with a word, it is affected by internal sandhi rules; it is an independent word if, together with a word, it is affected by external sandhi rules. By the same token, if an element is counted as part of a phonological word of the purpose of stress assignment, it must be considered a clitic and not a word.

Diante dos resultados obtidos foi possível notar que se trata de dados relevantes e interessantes ao estudo da origem e da evolução da prosódia do Português, que ainda são, em grande parte, um dos pontos mais inexplorados da história da nossa língua. Desta forma, a descrição dos fenômenos prosódicos e de sua relação com os processos segmentais de um período passado desta língua (no caso, o PA) constitui uma contribuição importante no sentido de elucidar mais completamente a história da Língua Portuguesa.

Referências

- BASÍLIO, M. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37^o ed. revista e ampliada. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- BISOL, L. Constituintes prosódicos. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996. p. 247-261.
- COSTA, D.S.da. Música e Lingüística: uma metodologia para estudos da prosódia do português arcaico. *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, 28 a 30 de maio de 2008. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm Acesso em 06 junho 2010.
- CUNHA, C. F. da. *Estudos de poética trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: MEC, 1961.
- DUBOIS, J., GIACOMO, M., GUESPIN, L., MARCELLESI, C., MARCELLESI, J.B. e MEVEL, J.P. *Dicionário de Lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

- MASSINI-CAGLIARI, G. Do ritmo musical para o ritmo lingüístico, a partir da análise de uma Cantiga de Santa Maria de Afonso X. *Anais do SIMCAM4 – IV Simpósio de Cognição e Artes Musicais*. São Paulo, USP, 28 a 30 de maio de 2008c. Disponível em http://www.fflch.usp.br/dl/simcam4/anais_simcam4.htm Acesso em 06 jun 2010.
- _____. Interface Fonologia-Poesia-Música: uma análise do ritmo lingüístico do Português Arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. *Estudos Lingüísticos*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 9-20, jan.-abr. 2008b. Disponível em: http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N1_pdf.01. Acesso em: 29 de maio de 2010.
- _____. Das cadências musicais para o ritmo lingüístico: uma análise do ritmo lingüístico do português arcaico, a partir da notação musical das Cantigas de Santa Maria. *Revista da ABRALIN*, v. 7, p. 9-26, 2008a.
- _____. *A música da fala dos trovadores: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas*. 2005. Tese (Livre Docência em Fonologia) – Departamento de Lingüística/ UNESP, Araraquara 2005.
- _____. Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento. Araraquara: FCL, *Laboratório Editorial, Unesp*; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.
- _____. *Cantigas de amigo: do ritmo poético ao lingüístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português*. 1995. Tese (Doutorado em Lingüística)- IEL/UNICAMP, Campinas, 1995.
- METTMANN, W. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 261 a 427)*. Madrid: Castalia, 1989.
- _____. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 101 a 260)*. Madrid: Castalia, 1988.
- _____. (ed.) Alfonso X, el Sabio. *Cantigas de Santa Maria (cantigas 1 a 100)*. Madrid: Castalia, 1986.
- NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.
- SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.
- XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Org.). *Dicionário de termos lingüísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.



Anais do IX Encontro do CELSUL
Palhoça, SC, out. 2010
Universidade do Sul de Santa Catarina